

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-Graduação em
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Busko Valim, Alexandre

"OS MARCIANOS ESTÃO CHEGANDO!": AS DIVERTIDAS E IMPRUDENTES REINVENÇÕES DE
UM ATAQUE ALIENÍGENA NO CINEMA E NO RÁDIO

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 9,
núm. 3, 2005, pp. 185-208
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526547003>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

“OS MARCIANOS ESTÃO CHEGANDO!”: AS DIVERTIDAS E IMPRUDENTES REINVENÇÕES DE UM ATAQUE ALIENÍGENA NO CINEMA E NO RÁDIO

*Alexandre Busko Valim**

Resumo. Por muitos anos, o planeta Terra sofreu diversas invasões marcianas. Tais ataques, por vezes devastadores e aterrorizantes, ocorreram nos livros, filmes, revistas, histórias em quadrinhos, jogos eletrônicos e no rádio. Todavia, muitas das invasões marcianas representadas ao redor do mundo guardam entre si uma estreita ligação: foram inspiradas em *A Guerra dos Mundos*, escrito por H.G. Wells e publicado na Inglaterra em 1898. Com base em algumas representações encenadas em Portugal e no Brasil, pretendemos discutir as origens e transcodificações de uma obra de ficção e problematizar como, através do imaginário popular, podemos identificar a reelaboração e associação de idéias ligadas a diferentes contextos do século XX.

Palavras chave: imaginário popular; invasão alienígena; cinema; rádio.

“THE MARTIANS ARE COMING!” THE COMICAL AND IMPRUDENTS REINVENTIONS OF AN ALIEN ATTACK IN THE CINEMA AND THE RADIO

Abstract. For many years, Earth underwent several Martian invasions. Such attacks, devastating and terrific, had occurred in electronic books, movies, magazines, comics, games and on the radio. However, many of the represented Martian invasions around of the world are deeply connected, or rather, they have been inspired on *The War of the Worlds*, written by H.G. Wells and published in England in 1898. On the basis of some representations exhibited in Portugal and Brazil, we shall discuss the origins and the transcodings of a fiction workmanship and inquire how we can identify the rewriting and their association of ideas within different contexts of the 20th century with regard to popular imaginary.

Key words: popular imaginary; alien invasion; cinema; radio.

* Doutorando em História Social Contemporânea pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Pesquisador do Núcleo de Estudos Contemporâneos NEC-UFF e do Laboratório de Estudos do Tempo Presente LABTEMP-UEM.

O filme *A Guerra dos Mundos*, produzido em 2005, dirigido por Steven Spielberg (1946 -) e estrelado por Tom Cruise (1962), encena uma devastadora e aterrorizante invasão marciana. O ataque alienígena, no entanto, foi apenas mais um das várias “invasões” sofridas pelo planeta Terra através de livros, filmes, revistas, histórias em quadrinhos, jogos eletrônicos e rádio.

Muitas das várias invasões marcianas representadas ao redor do mundo guardam entre si uma estreita ligação. Qual poderia ser a relação, por exemplo, entre um filme dirigido por Spielberg, um escritor inglês, um famoso ator norte-americano, e as cidades de Lisboa – Portugal, Caratinga - MG e São Luís - MA?

Um dos livros mais famosos do escritor inglês Herbert George Wells (1866-1946) foi *A Guerra dos Mundos*, publicado na Inglaterra em 1898. Nesse livro, considerado um marco da ficção científica, os marcianos, após esgotarem os recursos naturais de seu planeta, invadem a Terra e iniciam o extermínio da raça humana. A destruição tem início na pequena cidade inglesa de *Woking*. Logo, Londres é destruída e, a seguir, todo o planeta.

Na obra de H.G. Wells os extraterrestres utilizavam terríveis raios térmicos que desintegravam as pessoas instantaneamente. Os invasores, que se locomoviam através de impressionantes naves espaciais, construíam milhares de apavorantes torres de guerra e eram aparentemente indestrutíveis, são derrotados ao final do conto por microorganismos terrestres inofensivos aos seres humanos (WELLS, 1953; ENDLER, 1998, p. 25).

A invasão dos marcianos e a sua falta de anticorpos estava relacionada a um questionamento da civilização e do imperialismo inglês, que na época exercia uma grande influência sobre o mundo. A cruel dominação dos invasores, que se alimentavam de sangue humano, matavam sem necessidade e transformavam tudo ao seu alcance em cinzas, é uma outra comparação feita pelo autor com a destruição da natureza e com os genocídios praticados por países colonialistas como a Inglaterra.

No final do século XIX, a Inglaterra era o centro do maior império colonial do mundo. Em Londres, o colonialismo era considerado por muitos como um ato patriótico benéfico não apenas para a Inglaterra, mas também para os povos colonizados, pois tornava possível o progresso, a civilização, o cristianismo e a ordem britânica. H.G. Wells

não compartilhava dessa visão, por isso, em *A Guerra dos Mundos*, os marcianos são tão destruidores e bem mais evoluídos do que a raça humana. Em sua obra, onde a técnica e a estratégia humana falharam na luta contra os invasores, venceram os seres cuja existência passava despercebida. A ficção também apresentou a prepotência do exército vencedor e a aniquilação dos valores e da cultura dos conquistados vistos pela ótica da sociedade conquistada.

Para o colunista William L. Alden, em uma das várias resenhas do livro publicadas pelo *New York Times* em 1898, a invasão imaginada por Wells, além de terrivelmente impressionante, era também bastante provável. O colunista disse ainda que seu único receio era que um dia os marcianos atendessem às sugestões do livro e pusessem em prática a invasão aventureira por H.G. Wells (ALDEN, 15/01/1898).

Quase 40 anos depois, em 30 de outubro de 1938, véspera da celebração do dia das bruxas nos Estados Unidos, a invasão, de certa forma, finalmente ocorreu. Com base no livro do mencionado escritor inglês, o jovem ator norte-americano Orson Welles (1915-1985) fez um programa de rádio simulando a invasão extraterrestre. O programa causou pânico em boa parte do país ao fazer muitos acreditarem que os marcianos haviam aterrissado a bordo de cilindros metálicos e invadido a Terra.

Logo no início da transmissão, o ouvinte foi levado a esquecer que estava ouvindo uma obra de ficção, pois o programa foi repetidamente interrompido por diversos boletins de notícias. As falsas chamadas extraordinárias que supostamente cobriam os acontecimentos foram divulgadas com freqüência cada vez mais intensa:

Locutor: Senhoras e senhores, este é o último boletim da Intercontinental Radio News, em Toronto, Canadá. O professor Morse, da Universidade Macmillan, informa ter observado um total de três explosões no planeta Marte entre 19:45h e 21:20h, horário do leste. Isto confirma as informações anteriormente recebidas de observatórios americanos. Agora, de perto de nosso lar, Trenton, Nova Jersey, chega um boletim (...) (ZAREMBA, BENTES, 1996, p. 145).

A transmissão continuou interrompendo a programação "normal" de forma crescente até que o repórter fictício Carl Phillips passou a transmitir em tempo integral de *Grover's Mill*, onde supostamente haveria sido encontrado um enorme meteoro, que logo depois se descobriu ser um cilindro de metal:

Repórter Carl Phillips: (som alto e incompreensível ao fundo) Senhoras e senhores, aqui é Carl Philips novamente, agora na fazenda Wilmuth, em Grover's Mill, Nova Jersey. O professor Pierson e eu fizemos as onze milhas de Princeton em dez minutos. Bem, eu não sei por onde começar. Diante de meus olhos. Bem, eu acabei de chegar. Ainda não tive a chance de olhar em volta. Eu acho que é isto. Sim, eu acho que esta é a “coisa”, exatamente na minha frente, semi-enterrada num grande buraco. Deve ter se chocado com uma enorme força. O solo está coberto de pedaços de árvores que o objeto deve ter derrubado na descida. O que eu posso dizer é que o objeto em si não parece muito com o meteoro. Pelo menos não com os meteoros que eu já vi. Parece-se mais com um imenso cilindro (...) (ZAREMBA, BENTES, *Op cit*, p. 146).

A tensão foi construída cuidadosamente utilizando-se de entrevistas com autoridades e a dramática descrição de um monstro a sair do cilindro:

Repórter Carl Phillips: Senhoras e senhores, é indescritível. Mal posso me forçar a continuar olhando. É tão horrível. Os olhos são pretos e brilham. Têm a forma de uma abelha. A saliva pingando de seus lábios que parecem tremer e pulsar. Este monstro, ou o que quer que seja, mal pode se mexer. Está sendo puxado para baixo por possivelmente a gravidade ou algo assim. A coisa está se levantando agora e os espectadores caem para trás (ZAREMBA, BENTES, *Op cit*, p. 151).

Conforme o noticiado, o primeiro confronto haveria terminado com 40 mortos. No segundo ataque, sete mil homens do exército, armados com rifles e metralhadoras, haveriam sido desintegrados com os raios térmicos. Durante o programa, além de haver informado a descoberta de novos cilindros, Orson Welles continuou a transmitir mais “notícias” de destruição, de mortes, e da ajuda que haveria sido oferecida por Inglaterra, França e Alemanha.

Ao final da transmissão, o locutor finalmente revela que o programa tratava-se de uma ficção:

Aqui fala Orson Welles, senhoras e senhores, sem máscara, para assegurá-los de que *A Guerra dos Mundos* não tem maior significado que uma distração de feriado que tinha a intenção de ser: A versão para rádio própria do Mercury Theater de vestir-se com lençóis e pular de um arbusto dizendo “Boo”.

Começando agora nós não poderíamos ensaboar todas as suas janelas e roubar todos os portões dos jardins até amanhã à noite, então fizemos a segunda melhor coisa: Nós aniquilamos o mundo diante de seus próprios ouvidos e finalmente destruímos a CBS. Vocês terão um alívio, eu espero, ao saber que nós não tínhamos a intenção, e que ambas instituições estão abertas para os negócios. Então, adeus a todos e lembrem-se, por favor, da terrível lição que aprenderam hoje à noite: aquele sorridente, luminoso, invasor do globo de sua sala de estar é um habitante do campo de abóboras e se sua campainha soar e ninguém estiver lá, não era um marciano. É Halloween (ZAREMBA, BENTES, *Op cit*, p. 155).

Entretanto, apesar do esclarecimento, a interpretação sonora do extermínio da raça humana pelos monstros extraterrestres durante a transmissão de uma hora fez milhares de norte-americanos rezarem, chorarem e fugirem apavorados. Enquanto muitos se despediram dos parentes e preveniram os vizinhos do perigo que se aproximava, outros ligaram insistente pedindo ambulâncias aos hospitais e viaturas policiais (NEW YORK TIMES - NYT, 31/10/1938; NEBRASKA STATE JOURNAL, 31/10/1938).

A rede de rádio *Columbia Broadcasting System* (CBS) calculou, à época, que dos seis milhões de pessoas que ouviram o programa, pelo menos 1,2 milhão tomaram a dramatização como fato verídico, ao acreditarem que haviam de fato acompanhado uma reportagem extraordinária. Calculou-se ainda que meio milhão de ouvintes tiveram a certeza de que o perigo era iminente e, ao entrarem em pânico, agiram de forma a confirmar os fatos que haviam sido narrados, ocasionando sobrecarga de linhas telefônicas, aglomerações nas ruas, congestionamentos etc.¹

Embora o programa tenha repercutido em todo o país e até mesmo no Canadá, o pânico (como por exemplo, fuga em massa e reações desesperadas de moradores) ocorreu principalmente em localidades próximas a *New York* e *New Jersey*, de onde a CBS transmitiu o programa e Orson Welles situou sua história. Além disso, os ouvintes,

¹ Handley Cantrill, diretor do Instituto de Pesquisas de Opinião Pública na Universidade de Princeton, realizou um importante trabalho sobre os efeitos da transmissão de Orson Welles. Embora tenha se interessado pouco sobre o meio utilizado, seu livro apresentou um amplo estudo sobre a recepção do programa nos EUA (CANTRILL, GAUDET, HERZOG, 1940; VELA, 1998).

aparentemente, não deram atenção ou não ouviram a introdução do programa: *The Columbia Broadcasting System and its affiliated stations present Orson Welles and the Mercury Theatre on the Air in 'The War of the Worlds' by H. G. Wells* (NYT, 31/10/1938). Não bastasse o alerta haver passado despercebido, os ouvintes, entre os quais alguns que chegaram a “ouvir” as explosões e até mesmo a “ver” a invasão, também não associaram o programa à chamada veiculada horas antes da transmissão: *Today: 8:00-9:00--Play: H. G. Wells's 'War of the Worlds'—WABC* (NYT, *Op cit.*).

OS MARCIANOS INVADEM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O livro, escrito há mais de 100 anos, inspirou, em 1938, o programa que se tornou o caso mais célebre de histeria coletiva da História. Devido à popularidade de tais representações e ao impacto causado pela invasão anunciada pelo rádio, posteriormente, outros radialistas tentaram reproduzir a façanha de Orson Welles.

O programa foi repetidamente imitado em todo o mundo, como em 12 de novembro de 1944, quando uma transmissão em Santiago, no Chile, que incluiu um ator interpretando o Ministro do Interior, mobilizou até mesmo o Exército (NYT, 14/11/1944; MUSEUM OF HOAXES, 2004). Cinco anos depois, em 12 de fevereiro de 1949, uma transmissão da Rádio Quito, no Equador, com atores a interpretar políticos locais, jornalistas e testemunhas, levou a população às ruas (UCEDA, 2002; FORTUNATO, 2003; MOORE, 2003). A violência dos protestos contra a transmissão mobilizou as Forças Armadas que, diante do tumulto, utilizaram gás lacrimogêneo e até mesmo tanques blindados. Os prejuízos causados pelos protestos foram calculados em cerca de U\$ 350.000, uma vultosa soma para a época. Em virtude dos prejuízos materiais e do impacto social causado pela transmissão, o Governo confiou ao Ministro da Defesa as investigações para avaliar os danos e responsabilizar os culpados (NEW YORK TIMES, 14/02/1949). Os confrontos com a polícia e o incêndio do edifício onde estava instalada a estação de rádio resultaram em dezenas de feridos, na prisão de 18 suspeitos e na morte de 20 pessoas (MANAS, 1949, p. 10; NYT, 15/02/1949; NYT, 16/02/1949).

O fascínio por um contato direto com os marcianos e a possibilidade de lucro ante a elaboração de um produto bastante popular motivaram, nos EUA, outras adaptações para o rádio no formato novelístico, entre as quais: *Dimension X* (1950-1951); *X Minus 1* (1955-

1956); *Escape* (1947-1954); *Journey Into Space* (1953-1954) e *Tales Of Tomorrow* (1951 e 1953).

As condições sociais e econômicas surgidas em decorrência da popularidade de tais estórias também motivaram a produção de várias adaptações para a televisão e para o cinema, entre elas: *The War Of The Worlds* (1953); *The Night America Trembled* (1957); *War Of The Worlds TV Series* (1975); *War Of The Worlds: The Series* (1988); *Spaced Invaders* (1990); *The War Of The Worlds* (Dream Works, 2005); *The War Of The Worlds* (Pendragon, 2005); *The War Of The Worlds* (Asylum, 2005); *H G Wells and The War Of The Worlds* (Delta, 2005) e *The Radio Mechanics* (2005) (THE WAR OF THE WORLDS, 2005).

Os livros, as histórias em quadrinhos e especialmente os filmes - não apenas sobre *A Guerra dos Mundos*, mas sobre a ficção científica de forma geral - ampliaram a sedução de um imaginário repleto de fantasias que foi alimentado, sobretudo, pelo desenvolvimento científico, pela busca de civilizações extraterrenas e, após a II Guerra Mundial, pelo alvorecer da Guerra Fria (MUNHOZ, 2004, p. 261-281).

Ciro Flammarion Cardoso, em um livro bastante instrutivo sobre o tema, afirma que muitas das narrativas da época refletiam não apenas o militarismo derivado da vitória na II Guerra Mundial e da participação dos Estados Unidos na Guerra da Coreia, mas também a paranóia anticomunista (2004 [a], p. 33; CAUSO, 2003). Segundo o autor, apesar de os principais ingredientes temáticos e de linguagem para o cinema de ficção científica propriamente dito já estarem reunidos, faltava algum catalisador que realizasse a junção deles, permitindo a constituição de um gênero cinematográfico plenamente caracterizado. Os elementos responsáveis pela junção foram duas paranóias típicas do período: o medo de uma possível invasão soviética e da bomba atômica em mãos comunistas, e a primeira fase das pretensas observações de discos voadores, iniciada em 1947, em conjunto com supostas ocultações de eventos dessa natureza pela Força Aérea dos Estados Unidos.

Embora a linha narrativa dos filmes de ficção científica dessa fase contenha elementos próximos à dos filmes de horror, de acordo com Cardoso, tais filmes não eram propriamente pessimistas; pois monstros e invasores, na maioria dos casos, acabavam sendo vencidos pelos militares ou pela iniciativa de heróis - eventualmente cientistas marcados por forte individualismo (*Op. cit.*, p. 41-42; CARDOSO, 2004 [b], p. 129-151).

De todo modo, tais produtos ajudaram a estabelecer um padrão visual não apenas do que seria um extraterrestre ou um disco voador, mas também de como se daria uma possível invasão.

Neste sentido, o papel desempenhado pela produção cinematográfica dirigida por Byron Haskin (1899-1984), em 1953, foi fundamental para a constituição das representações alienígenas elaboradas posteriormente. O sucesso de bilheteria alcançado por *A Guerra dos Mundos* (1953) deve-se aos bons efeitos especiais utilizados e ao fato de ter sido um dos primeiros filmes de ficção científica em colorido. Repleto de efeitos especiais, o filme também mesclou ficção, realidade e noções sobre ciência. No início do filme, enquanto ao expectador é mostrado o sistema solar, um narrador em *off* descreve a existência de inteligências superiores e hostis no planeta Marte:

Ninguém acreditaria que no meio do século XX, os afazeres humanos estavam sendo atentamente observados por uma inteligência superior à do Homem. Porém, através do espaço sem fim, no planeta Marte, inteligências grandes, frias e inamistosas, olhavam nossa Terra com olhos invejosos, lenta e seguramente fazendo seus planos contra nós. Marte está a mais de 228 milhões de quilômetros de distância do Sol, e durante séculos tem estado nos últimos estágios de extinção. À noite, a temperatura desce muito abaixo de zero, até em seu Equador. Os habitantes desse planeta agonizante olharam através do espaço com seus instrumentos e inteligências com as quais mal sonhamos, procurando por outro mundo para o qual pudessem emigrar (A GUERRA DOS MUNDOS, 1953: 1m 32s).

Além da narração inicial, o filme apresenta mais duas, aos 51min 30s, e aos 1h 23min 38s. As narrações explicam a origem e motivos da invasão marciana, suas estratégias e o impacto dessa invasão sobre o planeta Terra:

Os marcianos tinham calculado sua descida em nossa Terra com impressionante perfeição e sutileza. Quanto mais seus cilindros vinham das profundezas misteriosas do espaço, suas máquinas de guerra, estranhas em sua força e complexidade, criaram uma onda de medo que se espalhou por todos os cantos do mundo. Em todos os países, os governos oficiais se reuniram em conclaves desesperados, procurando meios para

coordenar suas defesas com outras nações (A GUERRA DOS MUNDOS, 1953: 51m 30s).

E, por fim, a sua derrota:

Os marcianos não tinham resistência às bactérias de nossa atmosfera, às quais há muito tempo somos imunes. Uma vez que respiraram o nosso ar, os germes que não mais nos afetam começaram a matá-los. O fim veio rapidamente. Em todo o mundo, suas máquinas começaram a parar e cair. Depois do que tudo que os homens podiam fazer falhou, os marcianos foram destruídos e a humanidade salva, pela menor coisa que Deus, em sua sabedoria, colocou na Terra (A GUERRA DOS MUNDOS, 1953: 1h 23m 38s).²

Ao longo do século XX, as representações de *A Guerra dos Mundos* que obtiveram algum impacto entre os ouvintes, narraram a invasão marciana utilizando locais e assuntos familiares aos expectadores, motivo pelo qual o filme também se tornou sucesso de bilheteria nos EUA. A seguir esse raciocínio, a utilização de imagens de arquivo (como a do avião *Fly Wing Northrop YB-49* (1h 58s), e o emprego da bomba atômica para combater os marcianos (1h 5min 4s), também contribuíram para a ampla aceitação da produção. Quando o Major General Mann (Les Tremayne (1913-2003) se encontra pela primeira vez com o Dr. Forrester (Gene Barry (1921 -), ele se refere a um encontro anterior em *Oak Ridge* (27m 50s). A referência a *Oak Ridge, Tennessee*, é outra propositada menção à tecnologia nuclear. Naquele local encontrava-se uma das instalações industriais do vasto complexo *Manhattan Project*, elaborado no contexto da II Guerra Mundial. As instalações construídas naquela localidade a partir de 1942 estavam voltadas, principalmente, para o enriquecimento e purificação de urânio (FEHNER, 1998; HUGHES, 2004, p. 455; OAK RIDGE NATIONAL LABORATORY, 2005).

² A literatura que trata da relação entre religiosidade e Guerra Fria nos EUA é bastante ampla. Todavia, a influência religiosa na política norte-americana aparece de forma mais clara na retórica assentada na Bíblia e nas formas pelas quais os estadunidenses retornam a essa retórica em épocas de crise, como uma fonte de coesão e continuidade; o encontro do Dr. Clayton Forrester (Gene Barry) com Sylvia Van Buren (Ann Robinson (1935 -) no salão principal de uma igreja em meio a cânticos e pedidos por um milagre (1h 22min 3s) e, logo após, a narrativa que relaciona a derrota dos marcianos à providência divina são exemplos dessa retórica (BELLAH, 1992; ZELINSKY, 1988; BERCOVITCH, 1988; AZEVEDO, 2001).

Aliás, vale sempre a pena lembrar que, como toda obra cinematográfica, *The War of the Worlds* está intimamente ligado ao seu contexto de produção, nesse caso, um dos momentos cruciais da Guerra Fria. Certamente, uma das principais referências àquele momento está em uma omissão, qual seja, aos 53min 33s o narrador *off* descreve o devastador ataque marciano em vários países e a bravura de seus exércitos em combatê-los, mas a União Soviética e o Exército Vermelho são convenientemente omitidos.

A utilização de temas comuns aos expectadores, como dissemos, é um elemento importante para o êxito nas bilheterias. Mais uma vez, o clima de incertezas e desconfiança da Guerra Fria aflora quando três cidadãos da pequena *Grover's Mill* se deparam com um marciano. Em uma espirituosa menção ao programa de Orson Welles um deles diz: *Como acham que vieram?* Ao que o companheiro responde: *De algum lugar, Marte está bem perto!* E então o terceiro homem replica: *Dizem que aconteceu há uns 18, 20 anos, de Marte!* (15m 27s). Entremes, uma outra possível referência à URSS aparece no momento em que eles se aproximam da nave alienígena: diante dos invasores vindos do “Planeta Vermelho”, um deles exclama: *Talvez não sejam humanos como nós*, e obtém a resposta de um de seus colegas: *Todos os humanos têm que parecer como nós?* (THE WAR OF THE WORLDS, 1953: 15min 51s).

Contudo, a popularidade do filme deve-se ainda a outro fator digno de nota. Em 1946, a *The Radio Corporation of America* (RCA) introduziu no mercado norte-americano um popular aparelho de televisão, o modelo preto-e-branco *630TS*. Quatro anos depois, em 1950, a companhia propôs à *Federal Communications Commission* (FCC) um sistema de cores eletrônico que não impedia a recepção por televisores preto-e-branco. Todavia, a FCC optou por um sistema de cores parcialmente mecânico chamado "whirling disc" proposto pela concorrente *Columbia Broadcasting System* (CBS), o qual não era compatível com alguns receptores existentes, como, por exemplo, o modelo *630TS* da RCA (NYT, 26/06/1953). O Presidente da RCA, David Sarnoff (1891-1971), temendo um enorme prejuízo financeiro para sua companhia, utilizou sua influência política para forçar o *National Television Standards Committee* (NTSC) a se reunir, e ao mesmo tempo pressionou os engenheiros da RCA a melhorarem todos os sistemas eletrônicos da RCA (CED VIDEODISC, 2003). Em novembro de 1953, a FCC anunciou, finalmente, a aprovação do padrão proposto por Sarnoff (NYT, 04/11/1953). A disputa entre as companhias pela especificação da NTSC (NYT, 09/02/1952) e o inovador conceito *red-green-blue* (RGB) presente

no primeiro televisor colorido produzido nos EUA, o *CT-100 Color Television* da RCA, lançado em abril de 1954, foram amplamente divulgados pelos meios de comunicação.

Os produtores de *A Guerra dos Mundos* (1953) aproveitaram a publicidade dada ao moderno sistema colorido da RCA, incorporando ao roteiro a tecnologia RGB. No filme, os marcianos utilizavam, para a exploração terrestre, um dispositivo remoto com uma câmera, em cuja extremidade havia uma espécie de câmera nitidamente baseada no conceito *red-green-blue* (47m 59s). Além disso, os alienígenas tinham três olhos: um vermelho, um verde e um azul (51m 30s).

The War of The Worlds (1953) é fruto da criação do produtor George Pal (1908-1980), que realizou filmes memoráveis como *Destination Moon* (1950), *When Worlds Collide* (1951), *The Time Machine* (1960) e *The Seven Faces of Dr. Lao* (1964) (KATZ, 1057-1058). Apesar de o especialista em efeitos especiais Gordon Jennings ((?) -1953) inicialmente tentar criar as máquinas marcianas em sua forma trípode, como no livro de Herbert George Wells, George Pal achou que o efeito obtido seria muito caro e dificilmente pareceria realista na tela. Decidiu, então, que os marcianos tripulariam veículos flutuantes, que seriam manipulados e suspensos pelos técnicos por arames finos (INTERNET MOVIE DATABASE [b], 2005).

Os raios de energia das naves marcianas foram obtidos com o uso de tochas de acetileno aplicadas em metal, posteriormente adicionados às naves alienígenas por efeitos óticos. As cenas de destruição em massa à época não tinham paralelo, e foram obtidas através da combinação de efeitos óticos, pinturas de fundo e miniaturas (SALDANHA, 2005). O filme custou U\$ 2 milhões, dos quais U\$ 1,4 milhão foi gasto somente em efeitos especiais. Em 1954, a produção ganhou o Oscar de Efeitos Especiais (Gordon Jennings), e foi indicada para os Oscars de Melhor Som (Loren L. Ryder (1900-1985) - *Paramount Sound Department*), e Melhor Edição (Everett Douglas (1902-1967)) (IMDB [a], 2005). Em virtude, principalmente, de elementos característicos do meio cinematográfico, o filme não provocou o pânico da transmissão radiofônica de Orson Welles.

Apesar da ampla divulgação dada ao programa de Welles, a despeito dos vários livros, revistas e histórias em quadrinhos publicados sobre o tema e do filme baseado no livro e exibido em 1953, o programa continuou a ser representado e a gerar pânico nas décadas seguintes. Em 25 de junho de 1958, a transmissão foi representada em Lisboa, Portugal,

quando ocasionou pânico entre a população. Depois de ler um artigo sobre o programa de Welles, o locutor decidiu fazer uma transmissão idêntica em Portugal chamada por ele de *A Invasão dos Marcianos*, com a utilização de nomes portugueses e o anúncio da invasão em vários lugares do país. Segundo os jornais da época, milhares de pessoas ficaram aterrorizadas ao acreditar que os lusitanos estivessem próximos de seu extermínio.

Transmitido pela emissora católica portuguesa Rádio Renascença, o programa levou 11 meses para ser feito e contou com uma elaborada produção da qual participaram cerca de vinte pessoas (MAIA, 2004). Alguns efeitos sonoros foram criados no próprio estúdio da emissora e outros foram cedidos pela Paramount, extraídos do filme “A Guerra dos Mundos”, de 1953, que havia sido exibido em Portugal (DIARIO POPULAR, 26/06/1958).

Às 19h45min, quando a emissora transmitia habitualmente um de seus programas, o locutor interrompeu a programação com um breve anúncio: “*amáveis radiouvintes, vamos agora transmitir uma adaptação radiofônica do famoso romance “A Guerra dos Mundos”, do não menos famoso romancista inglês Herbert George Wells. Pedimos calma, atenção, compreensão...*” (DIARIO DE LISBOA, 26/06/1958).

Logo em seguida, foi “retransmitida” uma notícia especial vinda da agência *International Press*: de que um cientista, o Dr. Jorge da Fonseca, do *Observatório Meteorológico de Braga*, havia observado várias explosões de gás incandescente ocorridas com intervalos regulares no planeta Marte. O locutor informou que o fenômeno havia sido confirmado por outro cientista, o Professor Doutor Manuel Franco, do *Observatório Astronômico de Cascais*, que descreveu as explosões de gás como “*jactos de chama azul disparados por uma arma*” (DIARIO POPULAR, 26/06/1958). A “*reportagem diretamente transmitida do local de operações*”, detalhava para os ouvintes o aspecto de engenhos infernais, enquanto “*ouvia-se o ranger e o tinir terrível dos metais, o estampido das deflagrações*” (DIARIO DE LISBOA, 26/06/1958).

O programa chegou a ser considerado à época como “um dos mais extraordinários fenômenos de sugestão colectiva jamais ocorridos” em Portugal, e “que não só alvorçoou a população da capital, dos arredores e de muitas terras da Província, como, em alguns lares, quase chegou a provocar o pânico”. O sucesso do programa em ludibriar os seus ouvintes foi atribuído ao realismo e verossimilhança com que o locutor narrou a invasão, motivo pelo qual, os três avisos durante o

programa de que tratava-se de pura ficção, não evitaram que a “apocalíptica reportagem” convencesse muitos lusitanos “com o seu ritmo alucinante e seus episódios de horror” (DIARIO POPULAR, *Op cit;* A VOZ, 27/06/1958).

Quando na seqüência do programa, um dos locutores anunciou que, na Quinta das Conchas, em Carcavelos, caíra um cilindro metálico tripulado por marcianos e, depois, se comunicou a morte de centenas de pessoas, causada por um misterioso “raio de calor”, proveniente da máquina marciana, a inquietação do público atingiu o seu auge. Centenas de telefonemas de pessoas aterrorizadas começaram a ser recebidos na Rádio Renascença, nas redações dos jornais, na Polícia e nos Corpos de Bombeiros. Os inúmeros protestos de ouvintes registrados pela estação iam desde os que indagavam sobre a autenticidade do programa,³ sobre o agravo de saúde de pessoas doentes,⁴ e até mesmo de revide à “afronta” cometida pela emissora.⁵

A ansiedade do público atingiu tal intensidade que a Polícia, já sobrecarregada com telefonemas e pedidos de informações, ordenou a imediata suspensão da transmissão. Desse modo, às 21h45min, precisamente quando se travava uma acesa “batalha” em Vila Nova de Gaia, o programa, que deveria prolongar-se até às 22h15min, foi encerrado com um novo esclarecimento de que se tratava da simples adaptação de uma obra de ficção científica.

A confusão teve maiores proporções, no entanto, nas proximidades do local onde os marcianos estariam aterrissando. Em Carcavelos, em Oeiras e nas suas redondezas houve dezenas de chamadas de socorro para a Cruz Vermelha e para os bombeiros, que chegaram a comparecer no local da “invasão”. Também em Lisboa, muitas pessoas foram para as ruas aterrorizadas, enquanto outras procuravam desesperadamente por médicos e farmácias.

Para acalmar os ouvintes, a Rádio Renascença passou a fazer, de 10 em 10 minutos, avisos de que se tratava apenas de uma história imaginária, sem qualquer fundo de verdade (A VOZ, *Op cit;* O

³ “quando ouvi essa emissão, meti-me no carro e fui a Carcavelos. Afinal, não vi nada. Isso dos marcianos, é verdade, ou não?...”; “Tenho o meu namorado em Vila Nova de Gaia, e ouvi dizer que havia lá guerra. É verdade?” (DIARIO POPULAR, *Op cit.*)

⁴ “tenho uma pessoa, doente em casa, que teve um ataque ao ouvir o programa...” (*Idem, Ibidem*).

⁵ “O programa deu-me cabo dos nervos! Vou aí e parto-lhes a cara!” (*Idem, Ibidem*).

PRIMEIRO DE JANEIRO, 27/06/1958). No entanto, isso não interrompeu a torrente de telefonemas, que se estenderam até às 3h da madrugada, cinco horas após a suspensão da transmissão.

Não fosse a desordem e o descontentamento da população, o programa lusitano seria lembrado por uma divertida peculiaridade: com os ânimos tão exaltados, boa parte dos ouvintes sequer percebeu que em Portugal não havia *Ministério das Relações do Interior*, tampouco observatórios em Braga e Cascais. Também não passaria despercebido que o programa simulou a invasão marciana no futuro, com a diferença de 1 hora (DIARIO DE LISBOA, 26/07/1958).

A “brincadeira radiofônica de graves efeitos” feita pela emissora católica foi tida como “uma insensatez sem parelhas” que resultou em uma “idéia diabólica” (JORNAL DE NOTICIAS, 26/07/1958). Apesar de o programa haver passado pelo crivo da censura da Estação e, posteriormente, do Governo, o idealizador do programa chegou a ser interrogado e preso por algumas horas pela temida *Pólicia Internacional e de Defesa do Estado* (PIDE). Em uma entrevista, disse, no entanto, que ao sair da PIDE, um inspetor teria dado umas “palmadinhas” em suas costas e dito: “Por agora tudo bem. Mas não se meta nessas coisas. Um dia faz qualquer coisa sobre a Lua, volta para cá e, se calhar, não sai” (MAIA, 2004). Todavia, apesar dos transtornos causados em 1958, uma outra invasão marciana foi representada em Portugal.

Com o título de *A Guerra dos Marcianos*, em 30 de outubro de 1988 a Rádio Braga, também em Portugal, provocou uma enorme confusão com a reação desesperada de parte da população e mobilização das autoridades locais (VOLAND, 1988; TIME MAGAZINE, 1988), porém, em menor proporção do que aquela causada pela Rádio Renascença décadas antes. O menor impacto, possivelmente, estava ligado à condição da estação, que era pirata. Ademais, a Radio Braga não teria conseguido a concessão legal para o seu funcionamento naquele ano, o que é perfeitamente compreensível (A RADIO EM PORTUGAL, 2004).

AS NOSSAS INVASÕES MARCIANAS

As representações de invasões marcianas também fizeram sucesso no Brasil. Dentre as experiências que resultaram em confusões e temor entre a população, as mais curiosas são a de Caratinga – MG - e a de São Luis - MA.

Em 22 de novembro de 1954, um radiotelegrafista de Caratinga - MG transmitiu durante quase uma hora a mensagem informando que um disco voador havia aterrissado na cidade. De forma insistente, pedia que enviassem "forças urgentes" ante a situação de pânico em que a cidade estaria em decorrência de uma invasão marciana.

A transmissão, que detalhou os marcianos, seus armamentos, suas naves e uma aterrorizante invasão, foi captada inicialmente em Belo Horizonte. Ao tomar conhecimento da impressionante transmissão, quatro jornais de Belo Horizonte teriam enviado seus repórteres a Caratinga em aviões monomotores alugados (SANTAYANA, 2005). Logo após ser recebida na capital mineira, a notícia foi retransmitida para o Rio de Janeiro, onde fez muitos ouvintes acreditarem que Caratinga fora mesmo invadida. Em Belo Horizonte, os telefones das redações de alguns jornais não cessavam de tocar, e no Rio de Janeiro a transmissão gerou confusão no Ministério da Aeronáutica. De acordo com jornais da época, um brigadeiro que pedalava no Leblon guardou a sua bicicleta às pressas e retornou a sua base ministerial a fim de mobilizar as forças pedidas pelo até então desconhecido radiotelegrafista de Caratinga.

Imediatamente, sob o comando de um coronel, um grupo de oficiais da Aeronáutica levantou vôo no C-47 20-53 da FAB, rumo à cidade mineira, com fotógrafos e vários apetrechos, enquanto outros aparelhos teriam ficado de prontidão na pista de decolagem, com os motores funcionando, aguardando somente a ordem de partir.

Quando a imprensa carioca já estava se mobilizando para documentar o grande acontecimento do século, enviando seus repórteres ao Ministério da Aeronáutica para cobrir as aterrissagens dos marcianos em Caratinga, o boato já havia sido desmentido com outra mensagem radiotelegráfica vinda da cidade mineira: "Aqui não desceu disco nenhum, cidade na mais perfeita calma" (JORNAL ULTIMA HORA, 1954, p. 6).

Pouco depois, o avião enviado pela FAB retornou de Caratinga também com o desmentido. A cidade voltou, enfim, à sua habitual tranqüilidade. Foi esta mesma tranqüilidade que deixou o radiotelegrafista entediado com a cidadezinha pouco movimentada, levando-o a inventar a história da invasão extraterrestre para "quebrar a passmaceira". O trote não passou, segundo os jornais, "de mais uma brincadeira de mau gosto no estilo de um certo Sr. Orson Welles". Obviamente, muitas pessoas não gostaram da brincadeira, entre elas o diretor regional do Departamento dos Correios e Telégrafos (DCT) em Minas Gerais, que

mandou abrir inquérito para apurar devidamente o fato causado pela atitude de um radiotelegráfico que considerava Caratinga demasiado monótona. Ao divulgar suas desculpas - com a foto do rapaz aturdido e cabisbaixo – um jornal da época teria dito: "era um moço triste, e ficou mais triste ainda" (SANTAYANA, *Op.cit*). Comparada a outro programa produzido quase 20 anos mais tarde, a transmissão feita em Caratinga - MG, não causou tanta confusão.

Durante a ditadura militar, em 30 de outubro de 1971, no aniversário da Rádio Difusora de São Luis - MA, os diretores da estação produziram um programa em que anunciaram que o mundo estava sendo atacado por ameaçadores extraterrestres (O IMPARCIAL, 1971). Em plena Guerra Fria, a invasão imaginada pelos diretores tornava a URSS e os EUA, antigos inimigos ideológicos, aliados em uma luta atômica contra os marcianos.

Com o propósito de impulsionar seus negócios, os diretores da Rádio Difusora planejaram fazer um programa de grande repercussão que pudesse aumentar a audiência da emissora e atrair mais anunciantes. Para dar credibilidade à invasão marciana, que foi transmitida através do programa líder de audiência “Paradão do Rayol”, o idealizador do roteiro e coordenador da transmissão utilizou locais próximos a São Luís, como Cururupu, município do litoral maranhense.

No início daquela manhã, antes de o programa da “invasão” ser transmitido, um radialista informou que um intelectual, em um furo de reportagem, entrevistaria um astrônomo do Observatório Nacional. De acordo com o radialista, o dito cientista estava no Maranhão para investigar vestígios de uma nave que teria aterrissado nas proximidades da capital, onde existia, e de fato existe, um tipo especial de areia denominado monazítica.⁶ Durante a entrevista o cientista revelou ter encontrado uma peça de magnésio desconhecida no planeta Terra, objetivando criar certa expectativa entre os ouvintes.

Pouco depois, o apresentador de “Paradão do Rayol” informou que um cientista do *Observatório de Monte Palomar* teria visto uma série de explosões de gases incandescentes na superfície do planeta Marte que

⁶ A monazita é um mineral da classe dos fosfatos e, atualmente, classificada a partir de sua constituição química e da percentagem dos metais *tório*, *cério* e *lantânia* presentes em sua composição. O *tório*, em especial, é um metal altamente radioativo que pode ser substituído pelo urânio e usado como combustível na geração de energia nuclear. (DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, 1990: 63-65; WORLD NUCLEAR ASSOCIATION, 2004).

expeliam partículas em uma “velocidade fantástica” em direção ao planeta Terra. A informação foi confirmada pelo suposto cientista do *Observatório Nacional do Rio de Janeiro*, que comparou as explosões marcianas às “chamas azuladas saídas de um cano de revólver”. Os boletins informativos distribuídos ao longo do programa, assim como na transmissão de Orson Welles, contribuíram para convencer os ouvintes de que estavam presenciando acontecimentos verdadeiros.

Para impressionar os ouvintes, o roteirista buscou estratégias como o anúncio de que a Rádio Difusora AM entraria em cadeia com a Rádio Repórter do Rio de Janeiro e que manteria o seu sistema de escuta junto à emissora *Voz da América* e à *BBC de Londres*. Outro artifício utilizado foi noticiar que a *Organização Meteorológica Internacional* havia solicitado que todos os observatórios da Terra ficassem atentos às mudanças ocorridas em Marte.⁷

Como a cidade estava ligada ao continente por uma ponte no Estreito dos Mosquitos, o idealizador do programa decidiu que a aterrissagem da nave alienígena deveria ocorrer na entrada da cidade, no Campo de Perizes. Desse modo, o roteirista esperava evitar distúrbios nas ruas e uma possível fuga em massa, pois acreditava que as pessoas teriam medo de passar por um local de maior perigo, quando já se havia noticiado que uma equipe de reportagem haveria sido desintegrada pelos invasores nesse local.

O programa também anunciou que o exército brasileiro estava de prontidão, e que o 24º Batalhão de Caçadores de São Luís estava recolhido ao quartel, pronto para entrar em ação. A situação representada através da estação de rádio tornava-se mais dramática à medida que a narrativa informava a aproximação dos extraterrestres à capital. Os momentos mais ameaçadores do fantasioso relato foram: o extermínio da equipe de reportagem, a queda de uma esfera metálica de 30 metros de diâmetro e a aproximação de uma densa nuvem negra mortífera. Outra notícia que certamente deixou muitos ouvintes estarrecidos foi um

⁷ Em 1971 a Organização Meteorológica Internacional (OMI), fundada em 1873, já não existia mais. O Convênio Meteorológico Mundial, pelo qual se criou a Organização Meteorológica Mundial (OMM), foi firmado na XII Conferência dos Diretores da Organização Meteorológica Internacional (OMI) reunida em Washington em 1947. Ainda que o Convênio só tenha entrado em vigor em 1950, a OMM iniciou suas atividades como sucessora da OMI em 1951 e, em fins desse ano, se estabeleceu como organismo especializado das Nações Unidas por acordo entre a ONU e a OMM. (ORGANIZACIÓN METEOROLÓGICA MUNDIAL, 2005).

informe em que se buscava convencer o ouvinte de que eventos semelhantes estavam a ocorrer no Rio de Janeiro. Confirmado a informação anterior de que a emissora entraria em cadeia com a Rádio Repórter, a estação maranhense retransmitiu a desoladora cena de destruição causada pelos invasores na enseada de Botafogo, como se ela fosse vista a partir “de um dos edifícios mais altos da cidade”.

A divulgação de tais notícias, de acordo com um documento emitido pela Divisão de Segurança do Comando da 3º Zona Aérea do Ministério da Aeronáutica, causou pânico em todo o Estado (200/CISA/BR, 1971). Não apenas o comandante do 24º BC recebeu inúmeros telefonemas de ouvintes completamente aterrorizados, mas também a emissora atendeu a várias ligações de pessoas desesperadas que tinham parentes em outros estados, e até mesmo de um capitão da Polícia Militar, ávido por informações sobre a invasão marciana.

O impacto que a “invasão” teve sobre a população pode ser avaliado pela decisão estabelecida em reunião do comandante do 24º BC com juízes federais, o procurador da Justiça Estadual e o delegado da Polícia Federal, de retirar imediatamente a emissora do ar. A penalidade só não foi maior porque a equipe montou um truque de edição. O programa que foi gravado e apresentado aos órgãos de segurança depois da transmissão teve acrescido o texto “ficção científica baseada em Orson Welles”, que não havia sido lido na transmissão. A fraude, associada ao fato de que o programa havia sido previamente liberado pela censura, contribuiu para evitar que a emissora fosse punida pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel). No entanto, o comandante do 24º BC em São Luís, depois de ouvir a versão que continha o texto “ficção científica baseada em Orson Welles”, exigiu que as empresas de comunicação do proprietário da emissora de rádio, a Rádio e a TV Difusora, veiclessem uma nota de esclarecimento a cada meia hora para tranquilizar a população (ARAUJO, 2004).

Com exceção de alguns casos de invasão da emissora por cidadãos indignados com o programa, nenhum incidente mais grave foi registrado, mesmo porque a Polícia Federal logo assumiu o controle da situação. Em meio a vários casos de mal súbito entre a população, algumas pessoas prometeram até revide à bala contra a emissora e seus proprietários caso o estado de saúde de seus familiares se agravasse. Embora o idealizador do roteiro houvesse tomado algumas precauções para não causar transtornos com o seu programa, o pânico causado por uma suposta invasão marciana chegou até mesmo à família do

proprietário da estação, que, na época era chefe da Casa Civil do Governo do Estado.

Uma esquadrilha da Força Aérea Brasileira (FAB), de Belém-PA, também levou a transmissão a sério. Quando sobrevoava uma região próxima a São Luís logo após o término do programa, a esquadrilha recebeu a notícia da suposta invasão e a ordem de retornar imediatamente à sua base, ignorando o destino previamente estipulado (200/CISA/BR, *Op. cit.*).

Ocorrido no auge da ditadura militar, o fato chama a atenção pela sua singularidade e pela presença de elementos associados a idéias que não existiam nem em 1898, nem em 1938, revelando, assim, uma nítida influência de temores identificados com a Guerra Fria. A guerra dos mundos imaginada em São Luís, diferentemente das anteriores, uniu campos ideológicos opostos em um conflito nuclear entre extraterrestres e terráqueos. Sua apresentação através de idéias ligadas àquele momento histórico tornou verossímil o programa de rádio por meio da atualização de uma fórmula que já havia dado certo nas décadas anteriores.

Pesquisas feitas após a transmissão do programa de Orson Welles, em 1938, apontaram que a enorme confusão causada pelo programa de rádio estava diretamente ligada à falta de senso crítico, à desinformação de setores da sociedade com baixa escolaridade e a sintonizações tardias do programa (Cerca de 50 % dos ouvintes declararam haver iniciado a audição da transmissão após o seu começo) (CANTRILL, H; GAUDET, H., & HERZOG, H. *Op cit*; CUNHA, 1998, p. 172-173). Outrossim, podemos considerar que o impacto - não apenas do programa transmitido nos EUA, mas também no Brasil - está intimamente ligado ao realismo do programa, ao prestígio dos locutores, à linguagem utilizada e principalmente à aceitação do rádio como um veículo de notícias importantes e verossímeis. Os resultados semelhantes, a despeito da quantidade de informações, contextos e localidades distintos, apontam, afinal, para algumas possibilidades de manipulação dos meios de comunicação. Tais experiências revelam a necessidade de estudos sistematizados de audiência/recepção que ajudem a iluminar os variados e complexos processos de formação da opinião pública (ORTIWANO, 2002).

Inúmeras "invasões" marcianas foram representadas ao redor do mundo, levando milhares de pessoas a acreditar que a humanidade estava próxima de seu fim. O impacto social de tais representações foi tão

expressivo, que um questionamento acerca da influência exercida pelos meios de comunicação é praticamente inevitável. Algumas vezes divertidas e na maioria delas imprudentes, as representações de *A Guerra dos Mundos* chamam a atenção para a forte influência exercida pelos meios de comunicação na formação de nossas opiniões.

As repetidas invasões alienígenas, imaginadas com tanta criatividade, revelam a importância de sabermos discernir o que lemos, ouvimos ou assistimos (SAGAN, 1996). Além disso, um pouco de ceticismo pode evitar que saímos de nossas casas pedindo ajuda apavorados ao ouvirmos que “os marcianos estão chegando!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

200/CISA/BR. Ministério da Aeronáutica; Comando da 3º Zona Aérea - Divisão de Segurança. *Rádio Difusora de S. Luiz/MA. 08 DEZ. 1971.* Arquivo do Estado do Rio de Janeiro – AERJ.

A Radio em Portugal. *A Guerra dos Mundos.* http://telefonia.weblogger.terra.com.br/200408_telefonia_arquivo.htm acesso em 08/10/2004.

A Voz. Um programa radiofônico estabelece o pânico na população e origina graves aborrecimentos. Lisboa, 27/06/1958.

ALDEN, William L. *London Letter.* New York Times, NY, 15/01/1898.

ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira de. *O dia em que os marcianos invadiram São Luís.* http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redealcar48completo.htm acesso em 09/05/2004.

AZEVEDO, Cecília. A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA. In: *Tempo – Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.* n.11. Niterói: Sette Letras, 2001.

BELLAH, Robert N. *The broken covenant: American civil religion in time of trial.* Chicago: University of Chicago Press, 1992.

BERCOVITCH, Sacvan. A retórica como autoridade: puritanismo, a Bíblia e o mito da América. In: SACHS, Viola et. al. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional.* Rio de Janeiro: Graal, 1988.

CANTRILL, H; GAUDET, H., & HERZOG, H. *The Invasion from Mars: A Study in the Psychology of Panic*. Princeton: Princeton University: Harper Torchbook, 1940.

CARDOSO, Ciro Flamaron [a]. *A ficção científica, imaginário do século XX: uma introdução ao gênero*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2004.

_____ [b]. Um conto e suas transformações: ficção científica e História. In: *Tempo - Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense*. n.17, v.9. Niterói: Sette Letras, 2004.

CAUSO, Roberto de Sousa. Ficção científica, fantasia e horror no Brasil – 1875 a 1950. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CED VideoDisc. *The War of the Worlds*. No. 30 - Fall 2003. <http://www.cedmagic.com/featured/war-worlds/war-of-the-worlds.html> acesso em 07/04/2004.

CUNHA, Magda. No pólo da recepção: a encenação autorizada de uma guerra. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). *A Guerra dos Mundos, 60 anos depois*. Florianópolis: Insular, 1998.

DEPARTMENT of Health and Human Services. *Public Health Service Agency for Toxic Substances and Disease Registry (ATSDR): Toxicological profile for thorium*. Atlanta, GA: USA, 1990. <http://www.atsdr.cdc.gov/toxprofiles/tp147.pdf> acesso em 02/11/2005.

DIÁRIO de Lisboa. Um programa que fez alarme: Até madrugada alta foi gente a Carcavelos para assistir ao desembarque dos combatentes vindos de Marte! Lisboa, 26/06/1958.

DIÁRIO Popular. Milhares de pessoas aterrorizaram-se! Com um programa radiofônico e a calma só se restabeleceu quando a polícia suspendeu a “invasão apocalíptica”. Lisboa, 26/06/1958.

ENDLER, Sérgio. De Wells a Welles: rádio e ficção científica. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). *A Guerra dos Mundos, 60 anos depois*. Florianópolis: Insular, 1998.

FEHNER, Terrence R. The U.S. Department of Energy and the Cold War. Trabalho apresentado na Conferência: *The Power of Free Inquiry and Cold War International History* no National Archives at College Park. Maryland: 26/09/1998. <http://www.archives.gov/research/cold-war/conference/fehner.html> acesso em 25/11/2002.

FORTUNATO, Ederli. *Orson Welles e a Guerra dos Mundos: 65 anos de uma farsa.* http://www.omelete.com.br/games/artigos/base_para_artigos.asp?artigo=16 acesso em 30/10/2003.

HUGHES, J. Deconstructing the bomb: recent perspectives on nuclear history. In: *British Journal for the History of Science*. Vol.37, n.135, part 4. Cambridge: 2004.

INTERNET Movie Database [a]. **Awards for The War of The Worlds (1953).** <http://www.imdb.com/title/tt0046534/awards> acesso em 02/03/2005.

INTERNET Movie Database [b]. *Trivia for The War of The Worlds (1953).* <http://www.imdb.com/title/tt0046534/trivia> acesso em 02/03/2005.

JORNAL de Notícias. Brincadeira Radiofônica de graves efeitos. Porto, 26/07/1958.

JORNAL Ultima Hora. *Os marcianos acabam de descer em Caratinga!* Rio de Janeiro, 23/11/1954.

KATZ, Ephraim. Pal, George. In: *The film encyclopedia*. 3.ed. New York: HarperPerennial, 1998.

MAIA, Mattos. *Como nasceu “a invasão dos marcianos”.* <http://www.classicosdaradio.com/InvasaoMarcianos.htm> acesso em 10/10/2004.

MANAS Reprint. *Appeal to Unreason*. Vol.2, nº9. 02/03/1949.

MOORE, Don. *The Day the Martians Landed, or stories they never tell on HCJB.* <http://www.swl.net/patepluma/south/ecuador/martians.html> acesso em 25/08/2003.

MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: Francisco Carlos Teixeira da Silva. (Org.). *O século sombrio. Ensaios sobre as guerras e revoluções do século XX*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

MUSEUM of Hoaxes. *The War of the Worlds.* http://www.museumofhoaxes.com/war_worlds.html acesso em 15/02/2004.

NEBRASKA State Journal. Nasty Monsters From Mars Give Radio Listeners Uneasy Moments. 31/10/1938.

NEW York Times. ‘Martian Invasion’ terrorizes Chile. NY, 14/11/1944.

NEW York Times. ‘Martian Raiders’ cause Quito panic; Mobs burns Radio plant, kills 15. NY, 14/02/1949.

NEW York Times. 20 dead in the Quito riot. 15 held for 'Martian Invasion' Radio Show and panic. NY, 15/02/1949.

NEW York Times. Coast-to-Coast TV is shown in color. NY, 04/11/1953.

NEW York Times. *Quito holds 3 for Mars' script.* NY, 16/02/1949.

NEW York Times. Radio Listeners in Panic, Taking War Drama as Fact. NY, 31/10/1938.

NEW York Times. RCA renews plea for video system. NY, 26/06/1953.

NEW York Times. Stanton and Sarnoff clash at N.P.A. hearing over lifting of ban against color television. NY, 09/02/1952.

O Imparcial. *Ficção Científica alarma população.* São Luis, 31/01/1971.

O Primeiro de Janeiro. Um romance de ficção científica, transmitido por uma pessoa, provocou o pânico. Lisboa, 27/06/1958.

OAK Ridge National Laboratory. ORNL: *The First Fifty Years.* http://www.ornl.gov/ornlhome/ornl_first_fifty_years.shtml acesso em 12/09/2005.

ORGANIZACIÓN Meteorológica Mundial. *Hechos básicos acerca de la organización meteorológica mundial.* <http://www.wmo.ch/index-sp.html> acesso em 29/10/2005.

ORTIWANO, Gisela Swetlana. *A Guerra dos Mundos que o rádio venceu.* <http://www.igutenberg.org/guerra124.html> acesso em 17/07/2002.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios.* Companhia das Letras: São Paulo, 1997.

SALDANHA, Jorge. *Guerra dos Mundos.* <http://www.scoretrack.net/DVDwarworlds.html> acesso em 16/08/2005.

SANTAYANA, Mauro. *Almanaque do Mauro Santayana: O Pouso do disco voador.* <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/brasil/2005/05/28/jorbra20050528001.html> acesso em 02/11/2005.

THE War of the Worlds. *Invasion: The historical perspective.* <http://www.war-ofthe-worlds.co.uk/> acesso em 25/09/2005.

TIME Magazine. *Space Saga In Braga.* 14/11/1988.

UCEDA, Miguel. *La guerra de los mundos, cien años después.* <http://www.ucm.es/info/especulo/numero8/wells.htm> acesso em 17/07/2002.

VELA, Hugo. Quando música e discurso geram caos. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). *A Guerra dos Mundos, 60 anos depois.* Florianópolis: Insular, 1998.

VOLAN, John. *Los Angeles Times.* Los Angeles, 01/11/1988.

WELLS, H.G. *A Guerra dos Mundos.* 4^a ed. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia, 1953.

WORLD Nuclear Association. *Thorium.* 2004. <http://www.world-nuclear.org/info/inf62.htm> acesso em 02/11/2005.

ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana. Orson Welles e The Mercury Theater: A Guerra dos Mundos. In: *Radio Nova: Considerações da radiofonia contemporânea.* Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1996.

ZELINSKY, Wilbur. *Nation into State:* the shifting symbolic foundations of American nationalism. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1988.

Filme

A GUERRA dos Mundos (The War of the Worlds) Direção de Byron Haskin. Roteiro de Barré Lyndon e inspirado no livro homônimo de H.G. Wells. USA. Produzido por George Pal. Dist. Paramount Pictures, 1953. 1 fita (85 min.); p&b: VHS.

